

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**EDUCAÇÃO DO CAMPO:
A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO PARADIGMA**

MARIA VIVIANE PEREIRA DE ABREU

**ARAJAZEIRAS - PB
DEZEMBRO - 2010**

MARIA VIVIANE PEREIRA DE ABREU

EDUCAÇÃO DO CAMPO:
A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO PARADIGMA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande como exigência de conclusão de curso.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Débia Suênia da Silva Sousa

CAJAZEIRAS - PB
NOVEMBRO - 2010



A162e Abreu, Maria Viviane Pereira de.
Educação do campo: a construção de um novo paradigma /
Maria Viviane Pereira de Abreu. - Cajazeiras, 2010.
37f. : il. color.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2010.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Educação do campo. 2. Educandos do campo. 3. Educação
básica-formação. I. Sousa, Débia Suênia da Silva. II.
Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de
Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.018.51

Aos meus pais João e Viliam, meus irmãos Geovanni e Gilvan, cunhadas Aurelice e Dyenne e sobrinha Lara Stephanny, pelo incentivo e apoio durante essa jornada, e por terem acreditado em mim.

Aos meus avós José Euclides e Francisca Furtunata, por terem acreditado em mim e pelo incentivo nos momentos em que mais precisei.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, porque sem Ele eu não teria chegado até aqui, um momento tão importante da minha vida.

À Professora Orientadora Ms. Débia Suênia da Silva Sousa, pela contribuição e pelo incentivo durante a construção desse trabalho e por toda sua dedicação no desenrolar das atividades e das orientações individuais.

À Professora Ana Paula Mendes Silva, pelo incentivo e pelo apoio no decorrer dessa jornada.

Às minhas amigas, pelos momentos de aprendizagem coletiva, pela amizade que a cada dia se tornou mais forte e anseio que dure para sempre.

A todos que participaram dessa jornada, direto ou indiretamente, com colaboração, apoio e, sobretudo, com otimismo.

À professora Orlany Carolino pela revisão gramatical desse trabalho.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é tratar da Educação do Campo na perspectiva que ela seja no e do campo, e os sujeitos que nele residem possam estudar e viver no campo mesmo depois de sua formação na Educação Básica, tendo assim orgulho do lugar onde residem. A Educação do Campo é um tema em construção, discussão e centrado na luta pelo acesso ao conhecimento de forma justa, sendo que busca a formação dos seus sujeitos, no qual são capazes de criar formas de desenvolvimento para o campo. No processo metodológico utiliza a abordagem qualitativa, o estudo de caso, a observação, entrevista e fontes documentais (Diário de Campo e Portfólio). A partir das experiências vividas durante esse período, os resultados foram os seguintes diante de duas realidades: a primeira foi em uma escola do campo, no qual os sujeitos que vivem no e do campo, tem o mesmo como um lugar para viver e desfrutar de tudo que ele oferece e buscando assim o seu desenvolvimento. Já na segunda experiência em uma escola urbana na qual continha educandos que residiam no campo, os mesmos viam o campo como um lugar no qual era para se obter lucros e que depois de algum tempo residindo no mesmo teria que migrar para cidade. Conclui-se que mesmo a Educação do Campo, vendo o campo como espaço de vida e de organização do trabalho, alguns educandos que nele reside ver o campo como forma de adquirir lucro e apenas servindo para exploração de suas terras, tendo assim a desvalorização da sua cultura que predomina no mesmo e também dando ênfase ao processo de migração para a zona urbana como forma de sobrevivência das famílias que foram incluídas nesse processo.

Palavras-chave: Educação do Campo. Educandos. Campo.

ABSTRACT

This paper aims to treat the Countryside Education in the perspective that is in the countryside and for it, and the subjects who live in it may study and live there even after their graduation in Elementary Education, thus, being proud of the place where they live. The Countryside Education is a theme in construction, discussion and focused on the struggle for the access to knowledge in a just way, for it seeks the formation of its subjects, in which they are capable of creating ways of development for the countryside. In the methodological process it is utilized the qualitative approach, the case study, the observation, interviews and documentary sources (Field Diary and Portfolio). From the experiences lived during this period, the results were the following ones, before their realities: the first one was in a countryside school, in which the subjects who live in and from the countryside, have the same as a place to live and enjoy everything it offers and thus searching its development. Regarding the second experience in an urban school which contained students from the countryside, they saw the field as a place in which they would get profits and after some time living there they would migrate to a city. It is concluded that even the Countryside Education seeing the field as a life space and of work organization, some students who live in it see the field as a way to earn profits and just serving to exploration of its lands, having thus the devaluation of its culture which predominates in it and also giving emphasis to the migration process to the urban zone as a surviving manner of the families which were included in this process.

Keywords: Countryside Education. Students. Field.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO I - ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	09
1.1 Abordagem da pesquisa.....	10
1.2 Instrumentos de coleta de dados.....	10
1.3 Lócus e sujeitos da pesquisa.....	13
CAPÍTULO II - EDUCAÇÃO DO CAMPO: ESTUDAR PARA VIVER NO E DO CAMPO MESMO DEPOIS DE CONCLUIR OS ESTUDOS.....	15
2.1 Estudar para viver no campo depois de sua formação.....	16
2.2 Educação Rural e Educação do campo.....	19
CAPÍTULO III - CONCEPÇÕES DOS EDUCANDOS QUE VIVEM NO E DO CAMPO.....	22
3.1 A concepção dos educandos em um processo de análise.....	23
CAPÍTULO IV - O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM DOCÊNCIA: CONFRONTANDO A TEORIA COM A PRÁTICA DE ACORDO COM A REALIDADE SOCIAL DOS EDUCANDOS.....	25
4.1 Estágio supervisionado: uma reflexão sobre prática docente.....	26
4.2 As atividades desenvolvidas no Estágio Supervisionado em Docência.....	27
4.2.1 Atividades de Língua Portuguesa.....	27
4.2.2 Atividades de Matemática.....	28
4.2.3 Atividades de Artes.....	29
4.2.4 Atividades de Ens. Religioso.....	30
4.2.5 Atividades de Geografia.....	31
4.2.6 Atividades de História.....	32

4.2.7 Atividades de Ciências.....	33
4.2.8 Atividades de Ed. Física.....	34
4.2.9 Avaliação.....	35
4.3 A relação do estágio com o objeto de estudo.....	35
CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS.....	38

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem o objetivo tratar sobre o tema Educação do Campo, na perspectiva que essa educação seja no e do campo. Sendo assim, os sujeitos do campo que vive no e do campo possam estudar para viver no mesmo e não sair dele, podendo ter orgulho do lugar onde residem.

A Educação do Campo é um tema novo que está em discussão e centrado na luta pelo acesso ao conhecimento, buscando a formação dos sujeitos do campo que, são capazes de criar formas para o desenvolvimento deste.

Por fazer parte de movimento social (CPT – Comissão Pastoral da Terra) e ter feito um curso técnico profissional pela Educação do Campo através do PRONERA (Programa Nacional de Educação e Reforma Agrária) em parceria com o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e com a UFPB (Universidade Federal da Paraíba), e o fato de ver que as escolas do campo estão desaparecendo, e as pessoas que ali residem precisam se deslocar para a cidade pra estudar, sabendo que a maioria dessas pessoas não voltam mais a seu lugar de origem deixando de lado várias lutas sociais é que me proponho a pesquisar sobre o tema.

A pesquisa irá contribuir na minha vida acadêmica, à medida que estudarei mais sobre o tema, tendo um melhor entendimento sobre Educação do Campo. Portanto, a pesquisa tem como norteadora, a seguinte questão: “Se a Educação do Campo no ensino fundamental começa a formar o aluno deste do início para viver no campo mesmo depois de sua formação?”. Diante da questão norteadora desta pesquisa vem a seguinte hipótese: “Mesmo depois de sua formação os alunos que vivem no e do campo podem permanecer no mesmo, buscando assim o desenvolvimento do seu lugar de origem, nos aspectos culturais, econômicos, políticos e sociais”.

Para se ter um melhor entendimento sobre o tema baseou-se nos seguintes objetivos, levando em consideração o objeto a ser estudado, busca-se analisar se o ensino fundamental na Educação do Campo prepara o aluno para viver no campo durante toda sua vida, além de identificar como se dá o ensino fundamental no campo e observando se esse ensino dá subsídios para o desenvolvimento do aluno no mesmo. O estágio é também uma forma se aprofundar mais em relação ao tema

ou ao objeto de estudo do pesquisador, no qual levará em consideração o meio social dos educandos.

Nesse sentido, o Estágio Supervisionado em Docência ia ser realizado na E. M. E. F. Lili Queiroga, localizada no Assentamento Acauã, no município de Aparecida – PB, na sala de aula do 5º ano do ensino fundamental I, na qual continha 13 alunos com faixa etária de 10 a 11 anos. Mas, por ter surgido alguns problemas, o Estágio Supervisionado em Docência teve que ser realizado E. E. E. F. Monsenhor João Milanês localizada na cidade de Cajazeiras – PB também no 5º ano do ensino fundamental I com o universo de 10 alunos de faixa etária de 10 a 12 anos.

A estrutura da monografia está composta por capítulos (I, II, III e IV), conclusão e referências.

O capítulo I apresenta os aspectos metodológicos, como abordagem da pesquisa, instrumentos de coleta de dados, lócus e sujeitos da pesquisa.

O capítulo II intitulado *Educação do Campo: Estudar para viver no e do campo mesmo depois de sua formação* trata da luta pelo direito a educação de forma justa, destacando que os sujeitos que ali residem e vivem no seu lugar de origem depois de sua formação. Também, enfoca que a educação rural vista como precária, sem qualidade e com pouquíssimos recursos, além de evidenciar que a educação do campo, tem o próprio campo como espaço de vida, a partir da organização do trabalho e que não esta restrita só aos assentamentos rurais, se expandido por todas as comunidades de agricultura camponesa do Brasil.

O capítulo III intitulado *Analisando os dados da pesquisa: A partir das concepções dos educandos* dará ênfase às concepções dos educandos em relação ao abandono ou a permanência no campo mesmo depois de sua formação na Educação Básica.

O capítulo IV denominado *O Estágio Supervisionado em Docência: Confrontando a teoria com a prática de acordo com a realidade social dos educandos* enfoca o estágio e o meio social dos educandos vendo o estágio como algo que não seja obrigatório no currículo, e olhando o mesmo como um momento de reflexão da sua prática e também de sua formação. Dando continuidade ao capítulo vêm em seguida as atividades de cada disciplina e como as mesmas foram desenvolvidas na sala de aula, e por fim a relação do objeto de estudo com o estágio.

CAPITULO I

1. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo foi abordado os aspectos metodológicos utilizados na pesquisa, como a abordagem qualitativa, o estudo de caso, o tipo de pesquisa, a observação e entrevista semi-estruturada como instrumentos de coleta de dados e as memórias do estágio supervisionado que foram registradas em um Diário de Campo e um Portfólio se configurando como fontes documentais nessa pesquisa.

1.1 Abordagem da pesquisa

Este trabalho foi realizado através de um estudo de caso, tendo um número significativo e suficiente para analisar o fenômeno estudado, e por ser um caso particular, no qual poderá ser obtida uma enorme quantidade de informações diante do caso escolhido. Portanto, compreende-se que:

Estudo de caso é o tipo de pesquisa que privilegia um caso particular, uma unidade significativa, considerada suficiente para análise de um fenômeno. [...] o estudo de caso, ao realizar um exame minucioso de uma experiência, objetiva colaborar na tomada de decisões sobre o problema estudado, indicando as possibilidades para sua modificação. (GONSALVES, 2003, p. 67).

O estudo de caso faz parte da abordagem qualitativa da pesquisa buscando compreender e interpretar o fenômeno em destaque.

1.2 Instrumentos de coleta de dados

Como instrumento de coleta de dados utilizou-se a observação e entrevista semi-estruturada, gravada, transcrita e depois analisada para ver se o objetivo do trabalho foi alcançado.

A observação é muito utilizada, podendo ser usada junto com outros procedimentos, sendo que deve ser planejada, registrada e ligada a proposições gerais, tendo validade e precisão. Assim,

A observação é uma técnica muito utilizada, principalmente porque pode ser associada a outros procedimentos, por exemplo, a entrevista. [...] a observação deve ser: orientada por um objetivo de pesquisa, planejada, registrada e ligada proposições mais gerais, e que, além disso, deve ser submetida a controle de validade e precisão (GIL, 1987 apud MATOS, 2002, p.58).

A entrevista semi-estruturada foi outro instrumento utilizado na pesquisa, por ter uma seqüência de pensamento, com um roteiro compreensível ao entrevistado, levando assim a clareza das respostas e a análise dos dados. Esse tipo de

entrevista é mais aberta do que a entrevista estruturada possibilitando assim uma maior flexibilidade nas respostas. Nesse sentido, corrobora-se ao pensamento de Matos, quando este,.

[...] Recomenda-se que seja observada uma seqüência lógica de pensamento para que o roteiro torne-se compreensível ao entrevistado, possibilitando a clareza nas respostas, e a análise dos dados. [...] entrevista mais aberta que a estruturada, o que possibilita maior flexibilidade nas respostas e a obtenção de falas que podem enriquecer ainda mais a temática abordada. (2002. p. 58).

A entrevista semi-estrutura tem um roteiro flexível, na qual através da respostas dadas pode-se ter a elaboração e a re-elaboração de novas perguntas, facilitando a realização da entrevista.

Nos dias 25 de abril e 11 de maio de 2010, realizei observações e entrevistas na escola E. M. E. F. Lili de Queiroga, afim de que o estagiário tenha uma melhor visão da realidade do espaço escolar e da metodologia de ensino do professor, tendo em vista o estágio supervisionado que deveria ter sido realizada na sala de aula na qual foi observada e que os educandos foram entrevistados.

As observações foram feitas na escola no geral no dia 25 de abril de 2010, na qual observei a estrutura física da escola, a sua localização (dados da escola, nome, endereço e o bairro), a questão ambiental (limpeza do espaço escolar, armazenamento de lixo, situação do prédio) na qual está inserida, a relação de interação/integração de seus membros, a postura da gestão diante do cotidiano escolar. Foram solicitados o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, o calendário acadêmico e o Plano de Ensino, no qual são coletivos para todo o município.

Já nas observações na sala de aula, observei o caráter profissional do professor, a organização dos conteúdos, as orientações didáticas (o tempo de cada aula, organização do espaço da sala de aula), as atividades de observações, os recursos que o professor utiliza, a interação e a cooperação entre professores e alunos, a autonomia, análise do processo avaliativo, as organizações temáticas, a reação dos alunos diante da metodologia do professor, os problemas surgidos na sala de aula e a solução dada a esses problemas pelo professor titular e qual solução o estagiário daria para os mesmos.

Em relação às entrevistas, foram feitas no dia 11 de maio de 2010 com o professor e com 2 (dois) alunos, do sexo masculino e feminino que estão cursando o 5º ano do ensino fundamental I, no qual foi utilizado dois roteiros flexíveis com várias perguntas para o professor e para os alunos respectivamente, que de acordo com cada resposta dada poderia surgir novas perguntas. Vale ressaltar que as entrevistas não foram gravadas, mas, escritas e depois analisadas.

A entrevista do professor deu ênfase às seguintes questões: a metodologia e os aspectos do processo avaliativo utilizados pelo mesmo, a importância do planejamento das atividades, a formação acadêmica, a área em que atua, o tempo que exerce o magistério, os desafios/dificuldades e soluções no processo ensino aprendizagem, a relação família e escola, a relação família e o processo de ensino aprendizagem dos alunos e a preparação do espaço físico da sala de aula para o dia a dia do cotidiano escolar. Entrevistar o professor foi importante para a elaboração dos planos de aula para o Estágio Supervisionado em Docência.

Já na entrevista com os alunos deu-se ênfase os seguintes aspectos: o ano que está cursando, idade, sexo, o gosto de ir à escola, as disciplinas ou matérias que gostam e as que têm dificuldades, a resolução de problemas, a metodologia utilizada pelo professor, à relação do aluno com o professor e com os colegas, a concentração durante a realização das tarefas, a opinião dos mesmos de como deveria ser as aulas, as brincadeiras que acontecem nos intervalos melhoram o convívio com os demais colegas e de quem é a responsabilidade quando não se aprende o conteúdo se é do professor ou dos próprios educandos.

Já a aula teste realizei no dia 24/05/2010 na E. M. E. F. Lili de Queiroga no Assentamento Acauã na cidade de Aparecida – PB, na sala de aula do 5º ano do ensino fundamental I, na qual obtive êxito diante do tema abordado (A luta pela terra), que condizia com a realidade dos educandos e de toda comunidade em geral, pois a luta pela terra naquela comunidade foi o principal elemento de conquista da terra durante um longo período.

Além da observação e da entrevista semi-estruturada, as narrativas também fizeram parte dessa pesquisa no intuito de relatar histórias vividas no Estágio Supervisionado em Docência.

As narrativas é um grupo de procedimentos e técnicas que se utiliza nas dissertações, pesquisas e teses voltadas para a Educação. Ou seja: "as narrativas

tratam de [...] um conjunto de procedimentos e técnicas, hoje muito presente nas pesquisas, dissertações e teses educacionais brasileiras.” (SANTOS, 2007, p. 12)

A narrativa dentro da pesquisa serve para entender o discurso entre a teoria e a realidade, representando assim ao mesmo tempo a investigação e a formação. Servindo também como ajuda para o pesquisador no momento em que se especifica a histórica produção de posições dos sujeitos e como eles devem se sociabilizar diante do processo de construção de sua trajetória de vida. Assim afirma Santos: “[...] o objetivo da sua utilização é ajudar os estudantes e os professores a problematizar a especificidade histórica da produção de suas posições de sujeitos e os modos de sociabilidade que construíram nas suas trajetórias de vida.” (2007, p.13).

Foram utilizadas duas narrativas nessa pesquisa a primeira foi o Diário de Campo, no qual relatei todo o período de estágio e o que aconteceu na sala de aula e no âmbito escolar, a segunda foi o Portfólio, no qual contém todo o planejamento das aulas e as atividades desenvolvidas nas mesmas.

1.3 Lócus e sujeitos da pesquisa

No primeiro momento realizei a entrevista com os alunos^{4º} ano do ensino fundamental I da E. M. E. F. Manoel Gonçalves da Silva localizada no Sítio Catolé dos Gonçalves na cidade de Cajazeiras - PB, sendo que não obtive êxito. Tendo uma enorme dificuldade de relacionamento com os alunos, pois estes estavam com tanta vergonha que não conseguiam responder as perguntas e nem olhar em minha direção.

No segundo momento realizei a entrevista com os alunos da E. M. E. F. Lili Queiroga, localizada no Assentamento Acauã, no município de Aparecida - PB, com 3 (três) alunos do 5º ano do ensino fundamental I, num universo de 13 alunos com faixa etária de 10 a 11 anos, no qual obtive grande êxito, diante das perguntas realizadas, pois esses alunos não tiveram resistência em responder as mesmas. Os sujeitos da pesquisa serão citados no texto como aluno A, B e C, respectivamente.

O terceiro momento da pesquisa foi o Estágio Supervisionado em Docência, no qual realizei na sala de aula do 5º ano do ensino fundamental I, na E. E. E. F. Monsenhor João Milanês localizada na cidade de Cajazeiras - PB. A sala de aula

continha 10 educandos com idade de 10 a 12 anos, na qual a maior dificuldade que encontrei foi a dificuldade de aprendizagem de alguns educandos nas disciplinas, mas mesmo com essa dificuldade percebi que os mesmos tinham interesse em aprender o que estava sendo explicado.

CAPÍTULO II

2. EDUCAÇÃO DO CAMPO: ESTUDAR PARA VIVER NO E DO CAMPO MESMO DEPOIS DE CONCLUIR OS ESTUDOS

Neste capítulo abordou-se a importância de estudar para viver no e do campo depois de sua formação tendo em vista a luta pelo direito a educação de forma justa, fazendo com que os sujeitos que ali residem e vivem permaneçam no seu lugar de origem depois de sua formação. Também foi destacado que a educação rural é vista como precária, sem qualidade reproduzindo assim uma alienação, e vendo o campo como espaço de produção de mercadorias sem considerar o mesmo como espaço de vida, já a educação do campo tem o campo como espaço de vida com a organização do trabalho e que não está restrita só aos assentamentos rurais, se expandido por todas as comunidades de agricultura camponesa do Brasil, sendo abordadas por alguns autores que falam sobre o tema.

2.1 Estudar para viver no e do campo depois de sua formação

A Educação do Campo é um tema novo que está em discussão na sociedade, no qual as pessoas que vivem no e do campo lutam por seu direito a educação de forma justa. Ou seja:

[...] A Educação do campo é uma intencionalidade de educar e reeducar o povo que vive no campo na sabedoria de se ver como 'guardião da terra', e não apenas como seu proprietário ou quem trabalha nela. Ver a terra como sendo de todos que podem se beneficiar dela. [...] (CALDART, 2002. p. 33).

A Educação do Campo busca educar e reeducar a população do campo para viver no mesmo, sendo guardião da terra e entendendo-a como bem que precisa ser cuidado e, não apenas explorado, mas também beneficiando todos que vivem nela. O campo ou a terra como queiram chamar, precisa ser valorizada, pois cada vez mais a cultura do campo ou da terra vai ser perdendo diante da sociedade capitalista.

A Educação do Campo também tem uma identificação pedagógica, no qual são desenvolvidas várias práticas educacionais no campo ou pelos sujeitos que ali residem, levando em consideração que o mesmo não é um lugar onde só reproduz, mas pode se produzir pedagogia, refletindo sobre traços desenhados podendo assim ter uma constituição de um projeto de educação ou a formação dos sujeitos do campo. Nesse sentido, de acordo com Caldart:

O nome ou expressão educação do campo já identifica também uma reflexão pedagógica que nasce das diversas práticas de educação desenvolvidas no campo e ou pelos sujeitos do campo. É uma reflexão que reconhece o campo como lugar onde não apenas se reproduz, mas também se produz pedagogia; reflexão que desenha traços do que pode se constituir como um projeto de educação ou de formação dos sujeitos do campo. (2002. p.31).

Para que essa cultura não desapareça, precisamos fazer com que as pessoas estudem e continuem vivendo no campo e não sair dele, podendo assim sentir orgulho do seu lugar de origem, onde os problemas que ali existe possam ser

enfrentados coletivamente por todos. Mas, precisam-se construir escolas do campo para se estudar no mesmo, ou seja:

[...] Construir uma escola do campo significa estudar para viver no campo. Ou seja, inverter a lógica de que se estuda para sair do campo, [...] A escola do campo tem de ser um lugar onde especialmente as crianças e os jovens possam sentir orgulho desta origem e deste destino; não porque enganados sobre os problemas que existem no campo, mas porque dispostos e preparados para enfrentá-los, coletivamente. (CALDART, 2002. p. 34-35).

Para se pensar em uma escola do campo, tem de pensar desde seu lugar até seus sujeitos, levando em consideração que a escola do campo é mais do que uma escola, possui uma identidade própria, tendo um vínculo com processos de formação mais amplos e dialogando com as questões de educação, no qual nem começam e nem terminam na escola, buscando assim a compreensão que a terra pode ser mais do que terra. Assim,

[...] a escola do campo será mais do que escola, porque com uma identidade própria, mas vinculada a processos de formação bem mais amplos, que nem começam nem terminam nela mesma, e que também ajudam na tarefa grandiosa de fazer a terra ser mais do que terra... (CALDART, 2002. p. 35).

A maioria das pessoas após concluir os estudos não fica vivendo no campo seu lugar de origem, porque o mesmo não oferece condições para isso, tendo assim que buscar alternativas na cidade, sendo assalariado para sobreviver, e ainda sofrendo discriminações, no âmbito econômico, político e cultural.

Diante destas discriminações, existem diferenças entre as pessoas que vivem no campo e as que vivem na cidade, as pessoas que vivem no campo não apagam sua identidade, e ainda fazem parte do mesmo povo brasileiro que vive nas cidades. De acordo com Caldart, “[...] Estas diferenças não apagam nossa identidade comum: somos um só povo: somos a parte do povo brasileiro que vive no campo e que historicamente tem sido vítima da opressão e da discriminação, que é econômica, política, cultural.” (2002. p. 31).

A Educação do Campo procura fazer com que as pessoas que vivem nas cidades deixem de lado essas diferenças, discriminações e a opressão quando se trata das pessoas que vivem no campo, percebendo que são humanas iguais a elas,

tendo apenas diferentes costumes e às vezes modos de vidas diferentes dos mesmos. Diante dessas discriminações, e opressão sofrida pelos povos que vivem no e do campo, surgiu o movimento *por uma educação do campo*, que é a luta de políticas públicas pelo direito a educação e que essa educação seja no e do campo, buscando assim a permanência do povo no seu lugar de origem. Ou seja, “um dos traços fundamentais que vêm desenhando a identidade deste movimento por uma educação do campo é a luta do povo do campo por políticas públicas que garantam o seu direito a educação, e a educação que seja no e do campo. [...]” (CALDART, 2002. p. 26).

O movimento *por uma educação do campo* faz com que o povo que vive no e do campo lutem pelo o acesso ao conhecimento, buscando alternativas para formar sujeitos capazes de construir um melhor desenvolvimento do campo (do País). Já se for fiel aos movimentos sociais, a Educação do Campo busca combinar a luta pelo acesso universal ao conhecimento, à cultura, à educação com a luta do reconhecimento dos sujeitos do campo como produtores de conhecimentos, de cultura, de educação, pois isso já acontece de maneira considerável em nossos debates, reflexões e práticas. Diante disso afirma Caldart,

[...] a Educação do Campo tem dado centralidade/peso à luta pela democratização do acesso ao conhecimento, reconhecendo sua importância estratégica na formação de sujeitos capazes de construir novas alternativas populares para o desenvolvimento do campo (do País).

[...] se for fiel aos movimentos sociais de sua constituição, a Educação do Campo combinará a luta pelo acesso universal ao conhecimento, à cultura, à educação com a luta pelo reconhecimento da legitimidade de seus sujeitos também como produtores de conhecimento, de cultura, de educação, tencionando, pois, algumas concepções dominantes. É o que já acontece em muitas de nossas práticas, reflexões, debates. (2002. p. 82)

Dentre essas perspectivas, a Educação do Campo nasceu devido às lutas dos movimentos sociais por políticas públicas de educação para as comunidades camponesas, no qual lutam em busca de implementação de novas escolas públicas, e lutando também para não perder as escolas já existentes nas áreas de reforma agrária, sua experiência com educação, sua identidade, suas comunidades, seus territórios. Ou seja,

A Educação do Campo nasceu como mobilização/pressão de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas: nasceu na combinação das lutas dos sem-terra pela implantação de escolas públicas nas áreas de reforma agrária com as lutas de resistência de inúmeras organizações e comunidades camponesas para não perder suas escolas, sua experiência de educação, suas comunidades, seu território, sua identidade. (CALDART, 2002. p. 71).

A Educação do Campo precisa de suportes para que se possam dar subsídios aos povos do campo, a serem construtores de seus próprios conhecimentos, sua cultura e de uma educação igualitária para todos residentes no mesmo.

2.2 Educação Rural e Educação do campo

A educação rural teve início no século XX precisamente no 1º Congresso de Agricultura do Nordeste Brasileiro no ano de 1923, tendo como base no pensamento latifundista empresarial e no assistencialismo. Esse congresso era para pensar a educação voltada para os pobres do campo e da cidade, os mesmos eram preparados para trabalhar no desenvolvimento da agricultura do Nordeste. Ou seja,

A origem da educação rural está na base do pensamento latifundista empresarial, do assistencialismo, [...]. O debate a respeito da educação rural data das primeiras décadas do século XX. Começou no 1º Congresso de Agricultura do Nordeste Brasileiro, em 1923, e tratava de pensar a educação para os pobres do campo e da cidade no sentido de prepará-los para trabalharem no desenvolvimento da agricultura. [...] (FERNANDES, MOLINA, 2004. p. 62).

A educação rural em sua história era considerada uma educação precária, sem qualidade, atrasada e com pouquíssimos recursos, e o espaço rural era tido como um espaço inferior e arcaico, e tinha programas para essa educação que foram pensados e elaborados sem seus sujeitos e sem a sua participação, e já prontos para eles. Mas, a educação rural reproduz uma alienação, no qual possui propostas para os grupos sociais que vivem e trabalham na terra, sendo um desenvolvimento expropriado. Como afirma Fernandes e Molina:

[...] o conceito educação rural esteve associado a uma educação precária, atrasada, com pouca qualidade e poucos recursos [...]. Os tímidos programas que ocorreram no Brasil para educação rural foram pensados e elaborados sem seus sujeitos, sem sua participação, mas pronto para eles.

.....

.....

.....

.....

.....

A educação rural projeta um território alienado porque propõe para os grupos sociais que vivem do trabalho da terra, um modelo de desenvolvimento que os expropria. (2004. p. 61-62).

Para a educação rural o campo é um lugar no qual só produz mercadorias e não é considerado um espaço de vida e as pessoas q ali residem são vistas apenas como recursos humanos.

Já a educação do campo é vista como um paradigma que nasceu a partir da luta pela terra e pela Reforma Agrária, em julho de 1997, no Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária (ENERA), promovido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) em parceria com a UnB e outras organizações, dando uma animada na formação do campesinato brasileiro. Entre 1997 a 2004 a educação do campo teve um processo espacialização através dos movimentos sociais diversos (MPA, MAB e MMC) e das organizações.

A educação do campo pensa o campo como espaço de vida, de organização do trabalho e do espaço geográfico, suas identidades culturais, suas festas e seus conflitos. Totalmente diferente da educação rural que pensa o campo como lugar de produzir e não como espaço de vida. Assim,

A Educação do Campo pensa o campo e sua gente, seu modo de vida, de organização do trabalho e do espaço geográfico, de sua organização política e de suas identidades culturais, suas festas e seus conflitos. [...] a educação rural pensa o campo como espaço de produção, [...]. (FERNANDES; MOLINA, 2004. p. 64).

Assim a educação do campo não pode acontecer só nos assentamentos rurais, mas se expandir para todas as regiões brasileiras, adentrando nas comunidades da agricultura camponesa. Ou seja, [...] a Educação do Campo não poderia ficar restrita aos assentamentos rurais. Era necessária a sua espacialização

para as regiões, para as comunidades da agricultura camponesa. [...]. (FERNANDES, MOLINA, 2004. p. 67).

A educação do campo também percebe que a relação campo-cidade é um processo interdependente com contradições profundas entre os dois espaços, no qual os movimentos sócio-territoriais buscam as soluções para essas contradições (questões). Como afirma Fernandes e Molina:

O paradigma da Educação do Campo compreende igualmente que a relação campo-cidade é um processo de interdependência, que possui contradições profundas e que, portanto, a busca de soluções para suas questões deve acontecer por meios da organização dos movimentos sócio-territoriais desses dois espaços. (2004. p. 68).

A educação do campo é um novo paradigma em construção, cujos construtores desse paradigma são os grupos sociais, rompendo-se com o paradigma da educação rural. Os construtores da educação do campo são os povos do campo, já a educação rural é um projeto para a população do campo. Nesse sentido, de acordo com Fernandes e Molina:

Enquanto a Educação do Campo vem sendo criada pelos povos do campo, a educação rural é resultado de um projeto criado para a população do campo, de modo que os paradigmas projetam distintos territórios. Duas diferenças básicas desses paradigmas são os espaços onde são construídos e seus protagonistas. (2004. p. 63).

Diante disso os paradigmas conhecem territórios distintos e possuem diferenças básicas que são os espaços onde são construídos e seus protagonistas.

A educação do campo e a educação rural são bem diferentes uma da outra, enquanto a educação do campo é criada para os povos do campo e se abrangendo além dos assentamentos rurais chegando até as comunidades de agricultura camponesa, já a educação rural vem produzindo alienação do seu povo e com um pensamento latifundista regados para o processo empresarial.

CAPITULO III

3. CONCEPÇÕES DOS EDUCANDOS QUE VIVEM NO E DO CAMPO

O capítulo a seguir vai abordar a concepção dos educandos que vivem e estudam no campo a respeito do posicionamento destes sobre o abandono ou a permanência do campo, após concluir os estudos da Educação Básica.

3.1 A concepção dos educandos em um processo de análise

Com o desenrolar da pesquisa detectei que a Educação do Campo é trabalhada na escola de acordo com a realidade da comunidade escolar e também da comunidade em geral, levando em consideração a cultura e os costumes ali praticados. A partir da concepção dos educandos percebe-se que a maioria quer viver no campo mesmo depois de sua formação, tem o lucro como uma vantagem para viver ali. Podemos ver na afirmação do Aluno A, quando diz viver no campo é bom, “porque é uma cultura boa o campo, agente tira muita... muito lucro, é bom agente viver no campo, é bom” (sexo masculino, 11 anos, 20/10/09). O lucro citado pelo Aluno A é “ganho, vantagem ou benefício que se obtém de algo, ou com uma atividade. Proveito, vantagem.”(FERREIRA,2001, p. 433).

Mas, diante dos questionamentos feitos aos entrevistados, um dos educandos afirma não querer viver no campo depois de sua formação básica, tendo em vista cursos de nível superior, como por exemplo, professora, advogada entre outras, assim afirma o Aluno B, quando diz “quero terminar meus estudos e se formar em alguma coisa: professora, advogada em alguma coisa dessas”. (sexo feminino, 10 anos, 20/10/09). Mais adiante, em outra afirmação os educandos dizem que preferem viver no campo do que na cidade, pois o campo é um lugar calmo e bom de viver aos alunos. Como afirma do Aluno B “porque é mais sossegado”. (sexo feminino, 10 anos, 20/10/09). O campo é um ambiente como todos os outros, no qual há condições e influencias naturais no lugar onde vivem e tendo q agir sobre eles. Ou seja: “O **meio ambiente** é o conjunto de condições e influencias naturais que cercam um ser vivo ou uma comunidade, e que agem sobre eles.” (FERREIRA, 2001, p. 454).

Outro aspecto que percebi na fala do Aluno B é o bem estar que mede as condições de vida dos individuos considerando o bem estar físico, mental, psicológico e emocional, ou seja: “estado de perfeita satisfação física ou moral” (FERREIRA, 2001, p. 94).

De acordo com a concepção dos educandos, percebe-se que o ensino da escola corresponde com a realidade que os mesmos vivem no campo, assim afirma o Aluno A “fala sobre as plantações..., o cuidado que deve ter com as plantações e outras coisas” (sexo masculino, 11 anos, 20/10/09). Os educandos afirmam também

que o ensino do campo oferece subsídios (maneiras) para que eles busquem o desenvolvimento do campo, tendo em vista seu futuro no mesmo. Como afirma o Aluno A, quando diz:

Aqui aculá a professora sai com a gente para olhar o terreno aqui em volta, um tempo desse, ela fez até um trabalho com agente, esse negócio de coleta de lixo, que aqui tem muito lixo, ela fez um trabalho, juntou os alunos da nossa e da sala vizinha e fez esse trabalho, a gente tirou muito lixo. (sexo masculino, 11 anos, 20/10/09).

Dando continuidade à pesquisa os educandos afirmam que não são discriminados quando vão das escolas do campo para as escolas das cidades, assim afirma o aluno C quando diz "não" (sexo feminino, 11 anos, 20/10/09). Mas, um dos educandos afirma que são discriminados com apelidos, e sendo chamados de burros quando erram algo, afirma-se na fala do aluno B: "Apelido é... apelido que agente não gosta, eles ficam botando apelidos, fica discriminando porque a gente não passa nas provas, chamando a gente de burro" (sexo feminino, 10 anos, 20/10/09).

De acordo com Caldart os povos do campo sofrem discriminações econômicas, políticas, cultural, sendo oprimidos por parte da população, mas, mesmo assim os povos do campo não perdem sua identidade comum. Ou seja,

[...] estas diferenças não apagam nossa identidade comum: somos um só povo: somos a parte do povo brasileiro que vive no campo e que historicamente tem sido vítima da opressão e da discriminação, que é econômica, política, cultural. (2002. p. 31).

Diante dessas afirmações acima citadas percebe-se que mesmo o professor abordando a Educação do Campo de acordo com a realidade da comunidade, alguns alunos já dominam mais a temática abordada, sendo assim demonstrado nos depoimentos colhidos no momento da realização da pesquisa.

CAPÍTULO IV

4. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM DOCÊNCIA: CONFRONTANDO A TEORIA COM A PRÁTICA DE ACORDO COM A REALIDADE SOCIAL DOS EDUCANDOS

No capítulo a seguir abordou-se o Estágio Supervisionado em Docência no qual confrontará a teoria com a prática, levando em consideração o meio social dos educandos e também vendo esse momento como uma reflexão de sua prática e não como algo obrigatório pelo currículo do curso. E dentre isto estará às atividades que foram desenvolvidas em cada disciplina e/ou de forma interdisciplinar e a relação do estágio com o objeto de estudo.

4.1 Estágio supervisionado: uma reflexão sobre prática docente

Em primeiro lugar o estágio não deve ser visto como uma coisa que é obrigatória e nem só como cumprimento das horas aulas exigidas no currículo da licenciatura, e sim visto pelo discente estagiário como local de refletir sua prática e sua formação ao mesmo tempo, sempre com o intuito de procurar novos conhecimentos e rever seu papel e o papel da escola diante da sociedade. Ou seja,

[...] valor e significado ao estágio supervisionado, considerado não um simples cumprimento de horas formais exigidas pela legislação, e sim um lugar por excelência para que o futuro professor faça a reflexão sobre sua formação e sua ação, e dessa forma possa aprofundar conhecimentos e compreender o seu verdadeiro papel e o papel da escola na sociedade. (BARREIRO, 2006, p. 90)

O Estágio acontece de certa forma para confrontarmos a teoria e a prática, no qual aprendemos e debatemos durante todo o período acadêmico, de forma que esse confronto acontece com mais intensidade quando cursamos as disciplinas de metodologias. Mas infelizmente quando nos deparamos com a realidade da sala aula, vemos que o retrato da sala de aula não condiz com o modelo que idealizamos no período acadêmico, tudo é diferente e o modelo no qual tínhamos na cabeça fica para traz.

Além de encontrarmos a sala de aula diferentemente da que tivemos como modelo no período acadêmico, durante o período do estágio ficamos frente a frente com os professores que já exercem a profissão há algum tempo, e estão desencantados, insatisfeitos e com um desgaste psicológico, afetivo e emocional afetado pelos problemas que existe no seu campo de trabalho e na família. Assim afirma Pimenta: “[...] muitos professores insatisfeitos, desgastados pela vida que levam, pelo trabalho que desenvolvem [...], além dos problemas do contexto econômico social que os afeta [...]”. (2004, p. 104). Então todos esses problemas mencionados anteriormente, fazem os professores indagar os estagiários com os seguintes questionamentos: “Você tem certeza que quer ser professor?, Você é tão nova por que não escolhe outra profissão?”. (DIÁRIO DE CAMPO, 25/08/2010).

A partir dessa realidade vivida na escola durante esse período, percebi que a nossa formação deve se adequar de acordo com o tempo que vivemos, e que no estágio possamos ser capazes de desenvolver a realidade diante de suas mudanças ocorridas no dia-a-dia. Ou seja, [...] formar um profissional adequado ao seu tempo. ... o estágio deve contemplar a formação do professor capaz de atender às demandas de uma realidade que se faz nova e diferente a cada dia. (BARREIRO, 2006, p. 91).

Diante de tudo isso, pude ver que a vivência na sala de aula, deve ultrapassar as paredes da sala e chegar até o espaço escolar em si, buscando assim a interação e/ou o confronto teórico-prática.

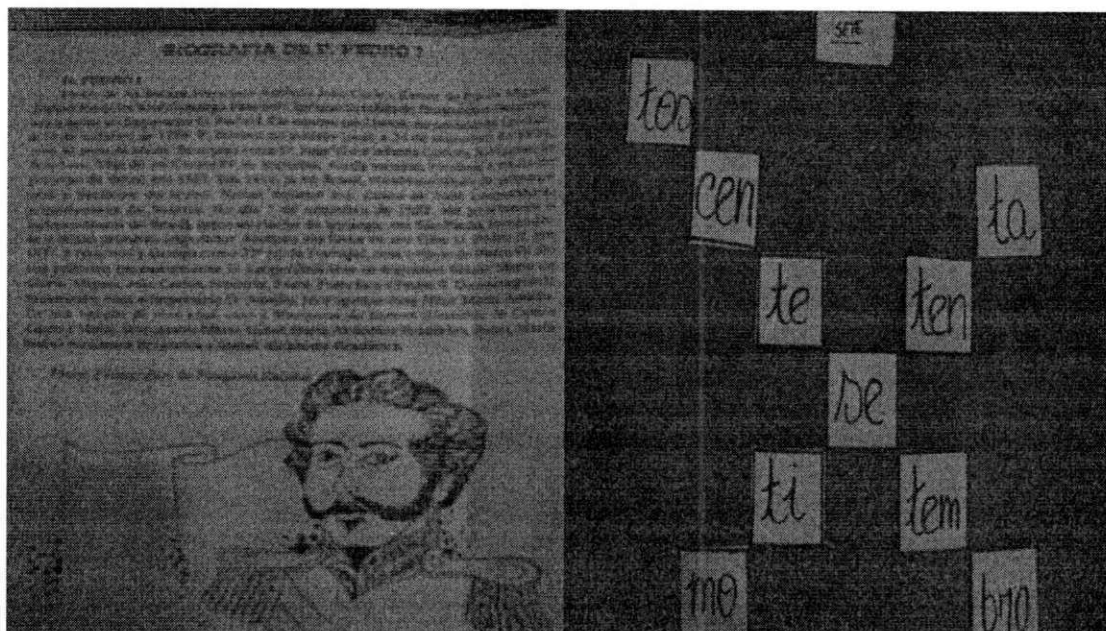
4.2 As atividades desenvolvidas no Estágio Supervisionado em Docência

As atividades do Estágio Supervisionado em Docência foram desenvolvidas com o auxílio dos livros didáticos utilizados pela escola e outros livros, cartazes, jogos, estudo com fichas, textos, ilustrações, gincana entre outros materiais.

Em cada disciplina as atividades foram desenvolvidas com o objetivo de proporcionar aos educandos uma melhor aprendizagem a partir dos questionamentos, da exposição do conteúdo, dos jogos etc., buscando também despertar o raciocínio lógico junto com a interação social dos mesmos.

4.2.1 Atividades de Língua Portuguesa

As atividades de Língua portuguesa foram desenvolvidas com o propósito de aperfeiçoar cada vez mais a leitura e a escrita dos educandos, no qual alguns educandos tinham uma dificuldade enorme em relação à leitura e escrita, buscando esse aperfeiçoamento vou destacar algumas atividades desenvolvidas em sala, como: textos com ilustrações, treino ortográfico, estudo com fichas, exercícios sobre os conteúdos/textos, leitura e produção textual através de ilustrações, e etc.. Veja a seguir algumas fotos das atividades:



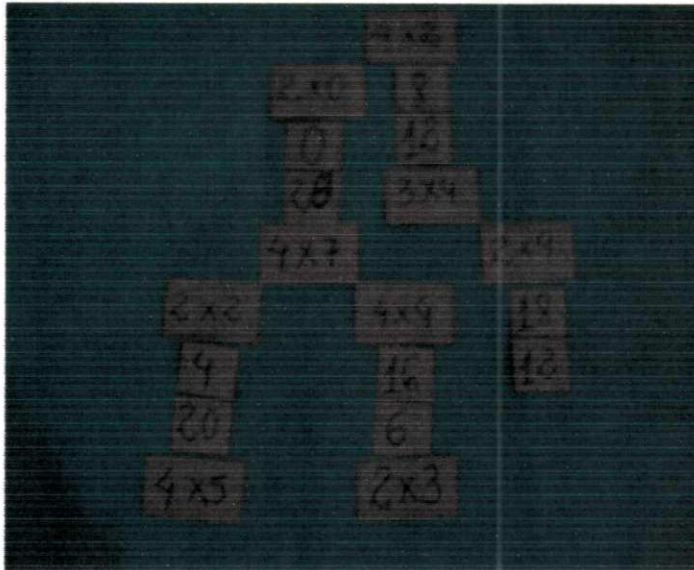
Fotografia 01: Atividades registradas no Portfólio texto "Biografia de D. Pedro I e estudo com fichas.

Fonte: Viviane Abreu.

O estudo com fichas foi uma atividade que despertou a atenção de todos os educandos, pois pra os mesmos ter uma palavra, e dessa palavra formar outras foi um desafio, no qual tiveram que pensar e raciocinar para ter o máximo de palavras formadas, e depois os mesmos ficaram surpresos de terem conseguido desenvolver a atividade com êxito.

4.2.2 Atividades de Matemática

Na disciplina de Matemática, as atividades desenvolvidas com o propósito de despertar o raciocínio lógico dos educandos a partir dos conteúdos expostos e dos problemas e dúvidas dos mesmos. Em Matemática as atividades foram às seguintes: exercícios, estudo da tabuada, dominó da multiplicação, situações problemas entre outras. Nesse sentido, a imagem a seguir é oportuna para rememorar o momento de realização da atividade:



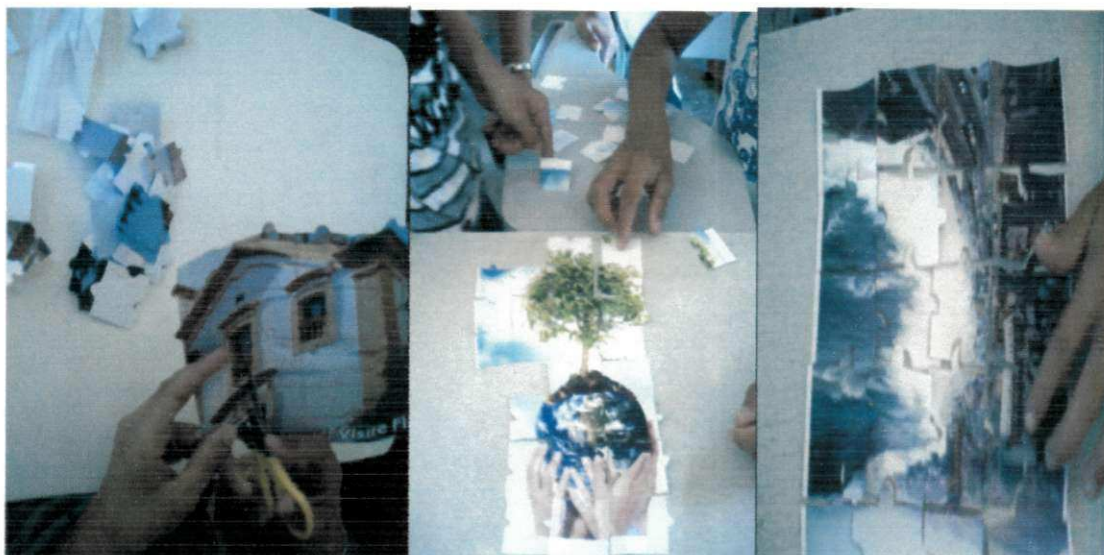
Fotografia 02: Atividade do Dominó da Multiplicação registrada no Portfólio

Fonte: Viviane Abreu.

Nas atividades de Matemática os educandos tinham um pouco de dificuldades, principalmente, nas operações de multiplicação e divisão, diante das dificuldades os mesmos tinham certas resistências em relação à resolução dos exercícios, seja eles no quadro negro ou no caderno do educando.

4.2.3 Atividades de Artes

Em Artes as atividades que foram desenvolvidas tinham como finalidade descobrir algumas habilidades como desenhar, montar e tantas outras. Lecionava as aulas de Artes na maioria das vezes com interdisciplinaridade com outras disciplinas no caso de Língua Portuguesa e Geografia, sempre aprofundando os conteúdos. As atividades foram desenhos para colorir, mapas, quebra cabeça e etc. Veja as imagens que segue, que são referente a construção e a montagem de quebra cabeça:



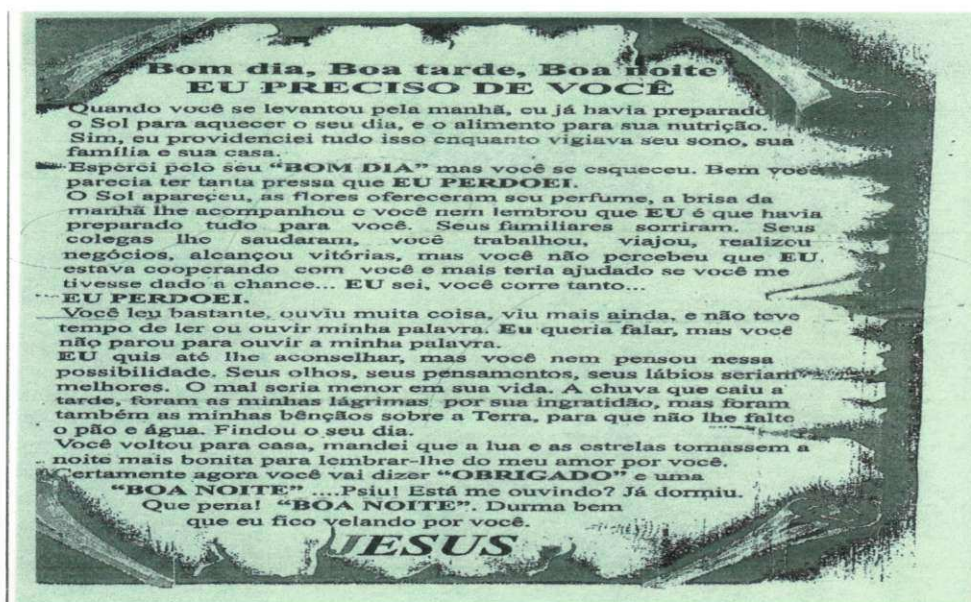
Fotografia 03: Construção e montagem de quebra cabeça registradas no Portfólio.

Fonte: Viviane Abreu.

As fotos acima são ilustrações relacionadas a temas estudados, e a partir das mesmas foram produzidos e montados quebra cabeças pelos educandos.

4.2.4 Atividades de Ensino Religioso

Na disciplina de Ensino Religioso as atividades foram desenvolvidas a partir de textos reflexivos, no qual discutia valores, sentimentos, ética e moral da sociedade, de acordo com esses elementos surgiam vários questionamentos sobre os mesmos. Esses questionamentos faziam com que os educandos olhassem a sua vida ou modo de viver de outra maneira e fazendo uma reflexão de como tentar mudar todo esse processo. Veja a seguir...



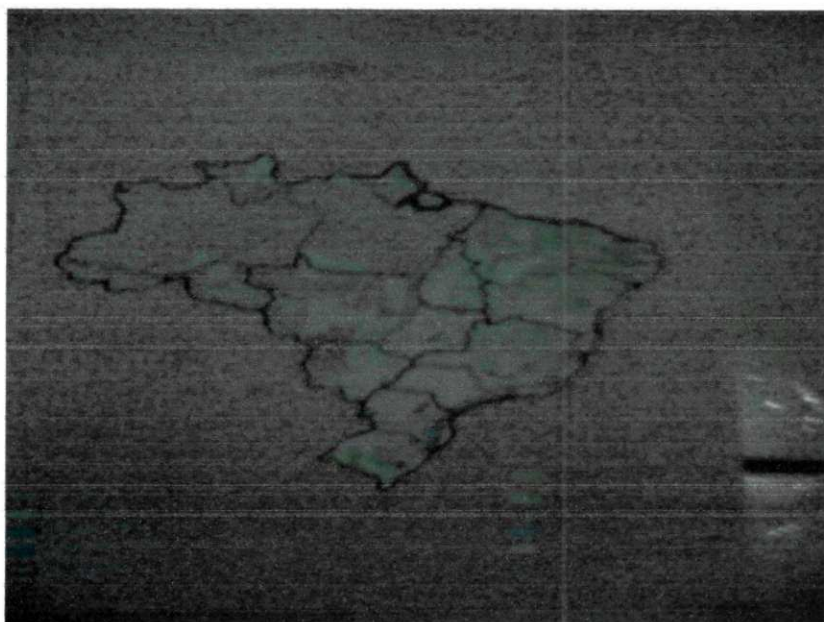
Fotografia 04: Texto reflexivo de Ens. Religioso registrado no Portfólio.

Fonte: Viviane Abreu

Texto apresentado na disciplina de Ens. Religioso, que fala sobre como as pessoas tratavam Jesus no dia a dia.

4.2.5 Atividades de Geografia

As atividades da disciplina de Geografia tiveram o objetivo de aperfeiçoamento dos conteúdos, focando as paisagens brasileiras em geral, os tipos de clima, os rios e como a ação humana age diante da natureza. Dentro desses conteúdos foram aplicadas atividades como: textos, leitura e desenhos de mapas, exercícios relacionados aos textos. Veja a foto a seguir:



Fotografia 05: Mapa da vegetação brasileira atual registrada no Portfólio.

Fonte: Viviane Abreu.

A disciplina de Geografia estava sempre em conexão com a Língua Portuguesa e com a Arte desenvolvendo assim a interdisciplinaridade.

4.2.6 Atividades de História

As atividades de História foram desenvolvidas através de pesquisas, exposição e exercícios dos conteúdos, estudo de textos etc. As pesquisas realizadas na Disciplina de História foram relevantes para o aprendizado dos educandos, pois tiveram um interesse dobrado no conteúdo que ia ser pesquisado, buscando assim mais informações sobre o mesmo. Veja a foto de um exercício a seguir:

EXERCÍCIO DE HISTÓRIA

1. Que benefícios a nova etapa de ocupação trouxe para a região das minas?

2. Por quem foi descoberta a primeira jazida de ouro e onde se localizava essa jazida?

3. Como era o dia-a-dia das pessoas q vivem nas minas?

4. De acordo com o poema de Cecília Meireles "Do ouro incansável", responda:

a. Que situações Cecília Meireles denuncia no trecho do poema?

b. Que elementos do poema vocês identificam na gravura?

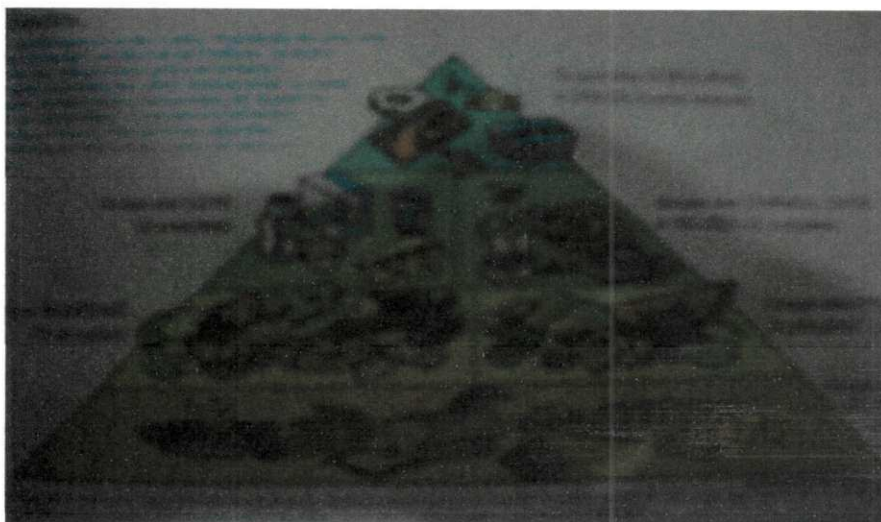
Fotografia 06: Exercício de História sobre a Descoberta do Ouro no Brasil registrado no Portfólio.

Fonte: Viviane Abreu

Esse foi um dos exercícios aplicados na disciplina de História, de acordo com o conteúdo explanado (A gente das minas), que tratava da época da descoberta do ouro no Brasil.

4.2.7 Atividades de Ciências

Em Ciências todas as atividades foram desenvolvidas com o propósito de mudar os hábitos de vida dos educandos, no qual todos os conteúdos expostos durante o estágio eram falando sobre hábitos de vida da sociedade. Para melhor compreender cada conteúdo desenvolvi algumas atividades como: exercícios, criação de um cardápio, cartazes, pesquisa com as informações nutricionais de alguns alimentos entre outros. Veja a foto do cartaz em seguida:



Fotografia 07: Cartaz com a Pirâmide Alimentar registrada no Portfólio.

Fonte: Viviane Abreu.

A Pirâmide Alimentar foi utilizada para expor os grupos alimentares e suas funções, no qual cada grupo contém a quantidade de alimentos a ser ingerido por um indivíduo. De acordo com o que apresenta a Pirâmide Alimentar a mudança de hábitos é necessário em nossas vidas, e com isso alguns educandos perceberam que deveriam tentar fazer essa mudança para evitar problemas de saúde no futuro.

4.2.8 Atividades de Ed. Física

Na disciplina de Ed. Física foram desenvolvidas atividades com o intuito de fazer a interação social dos educandos um com os outros, também a interação social não só na escola mais na sociedade em geral. Diante disso as atividades foram às seguintes: brincadeira de pega pega, adivinhações e jogo de dominó. Veja a foto a seguir:



Fotografia 08: Jogo de dominó registrado no Portfólio.

Fonte: Viviane Abreu.

Essa atividade foi realizada em uma das aulas de Ed. Física no intuito de promover a interação social e o raciocínio dos educandos.

4.2.9 Avaliação

A avaliação da aprendizagem dos educandos foi feita de forma contínua, no qual cada educando era avaliado do começo ao fim de cada aula e/ou dia. Para que essa avaliação aconteça precisa-se de instrumentos que registrem como: exercícios, pesquisas, cadernos, produções e outros diferentes instrumentos, ou seja, “instrumentos de avaliação são registros de diferentes naturezas: tarefas, testes, cadernos, trabalhos e produções dos alunos analisados pelos professores [...]” (HOFFMANN, 2005, p. 68). Mas, esses instrumentos de avaliação, na maioria das vezes não querem dizer nada, servindo apenas para as pessoas que os interpretam que é o caso do professor.

4.3 A relação do estágio com o objeto de estudo

O Estágio Supervisionado em Docência era para ter sido realizado numa escola do campo, mas, por ter surgido problemas de última hora o mesmo foi realizado em uma escola da cidade em uma sala de 5º ano do ensino fundamental I, na qual continha 10 educandos e 2 deles residiam no campo. Apesar dos 2 educandos residirem no campo, a visão deles em relação ao

mesmo é que o campo serve apenas para morar e como um local de gerar lucros para a sociedade que nele reside.

Já em relação à aprendizagem dos educandos residentes no campo é diferenciado dos educandos que residem na cidade, pois os que residem na cidade são bem adiantados em todas as disciplinas. E os educandos que residem no campo o processo de aprendizagem é mais lento, principalmente, nas disciplinas que envolvem cálculos, mas, os mesmos demonstram um maior interesse em aprender e de terminar os estudos para ter uma vida com o poder aquisitivo razoável e fora do seu lugar de origem.

Os educandos residentes no campo também mostram um pouco de dificuldade na resolução de atividades, seja ela com cálculos ou atividades ligadas a pesquisas em textos buscando as possíveis respostas, um pouco diferente dos da cidade que por terem mais acesso as informações, conseguem compreender na maioria das vezes os cálculos e as atividades de pesquisa.

Percebi que os educandos do campo tendo acesso às informações e com o mesmo direito de ter uma educação de qualidade que os educandos da cidade, o nível de informação dos mesmos é inferior aos educandos da cidade.

CONCLUSÃO

A Educação do Campo está em processo de construção e centrada na luta pelo acesso ao conhecimento de forma justa, na qual procura formar os sujeitos que vivem no e do campo para continuarem no mesmo depois de sua formação, podendo assim sentir orgulho do seu lugar de origem. Diferentemente da Educação Rural que só reproduz alienação, e considera os sujeitos que residem no campo apenas como recursos humanos.

A partir daí a Educação do Campo não pode ocorrer apenas nos assentamentos rurais, e sim por todas as comunidades de agricultura camponesa das regiões brasileiras.

A Educação do Campo, ver o campo também como espaço de vida, de organização do trabalho, no qual predomina sua cultura, suas festas e principalmente a identidade daquele povo que ali reside.

Levando em consideração todas essas afirmações, concluir-se que mesmo a Educação do Campo procure formar seus sujeitos com intuito de os mesmos residirem no campo depois de sua formação, para que busquem o desenvolvimento do mesmo, e fazendo com que os sujeitos residentes no campo, tenham o mesmo como espaço de vida, de organização do trabalho e que predomina a cultura daquele lugar. Muitos desses sujeitos não vêem o campo como espaço de vida e de organização do trabalho, mas sim como um lugar no qual nele só se obtêm lucro e que após sua formação na Educação Básica deixaram o campo e suas origens para viverem nas cidades em busca de uma vida melhor.

Em relação ao Estágio Supervisionado em Docência percebi que, é de fato uma etapa importante na pesquisa, adquiri experiência e contribuiu de forma que pude ver a realidade dos educandos e, se os que residem no campo pretendiam viver no e do campo depois de sua formação na Educação Básica, no qual os mesmos não pretendem residirem no campo depois dessa formação, buscando assim uma vida melhor na zona urbana mais próxima de suas comunidades.

REFERÊNCIAS

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas. et al. Estágio Curricular na Formação de Professores: Propostas e possibilidade no espaço escolar. In: BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas. et al. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006. p. 87-115.

CALDART, Roseli Salete. Por Uma Educação do Campo: Traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo, orgs.; CALDART, Roseli Salete (orgs.). **Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas**. 2 ed. Brasília: articulação nacional Por Uma Educação do Campo, 2002. Coleção Por Uma Educação do Campo, nº. 4. p. 25-36.

CALDART, Roseli Salete. Sobre Educação do Campo. In: FERNANDES, Bernardo Mançano. et al.; SANTOS, Clarice Aparecida dos. **Educação do Campo: campo - políticas públicas – educação**. Brasília: Incra; MDA, 2008. (NEAD Especial; 10). p. 67-86.

FERNANDES, Bernardo Mançano. MOLINA, Mônica Castagna. O Campo da Educação do Campo. In: MOLINA, Mônica Castagna. JESUS, Sonia Meire Santos Azevedo (orgs.). **Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional "Por Uma Educação do Campo, 2004. Coleção Por Uma Educação do Campo, nº. 5. p. 53-89.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. 4 ed. rev. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FONTES DOCUMENTAIS. DIÁRIO DE CAMPO, Cajazeiras - PB – 23 de agosto a 20 de setembro de 2010.

PORTFÓLIO, arquivo dos planos de aula e das atividades desenvolvidas no Estágio Supervisionado em Docência. Cajazeiras - PB - 23 de agosto a 20 de setembro de 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GONSALVES, Elisa Pereira. Escolhendo o percurso metodológico. In: GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 3 ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.

HOFFMANN, Jussara. Tempo de reflexão: corrigir tarefas ou interpretar situações de aprendizagem? In: HOFFMANN, Jussara. **O jogo do contrário em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 45-74.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. Técnicas de coleta e análise de dados: instrumentos para saber mais. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. 2 ed.rev. e atual. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido. Por que estágio para quem não exerce o magistério: o aprender a profissão. In: PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência**. Rev. Tec. José Cerchi Fusari. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 99-237.

SANTOS, Jurandir dos. **História oral, fontes documentais e narrativas como recursos metodológicos na Educação**. São Gonçalo-RJ: Núcleo de Pesquisa e Extensão Vozes da Educação – UFRJ, 2007. p. 1-17. Disponível em: <<http://www.jurandirsantos.com.br>> Acesso: 2 nov. 2010.